

Filandorra Teatro do Nordeste
apresenta

À Manhã
de
José Luis Peixoto



Contextualização do projecto

A Filandorra – Teatro do Nordeste estreou em 26 de Novembro de 2011, em Residência Artística no Concelho de Alfândega Fé, a produção *À Manhã*, de José Luís Peixoto, que integrou o Plano de Produção aprovado pela DGartres/Secretaria de Estado da Cultura. A escolha de Alfândega da Fé deveu-se ao facto de pertencer à Rede Mundial de Cidades Amigas das Pessoas Idosas.

A Residência Artística consistiu num trabalho de pesquisa em contacto directo com a população idosa de várias aldeias daquele Concelho e instituições particulares de solidariedade social, durante dois meses, e que mereceu destaque especial da comunicação social, nomeadamente com o acompanhamento da Grande Reportagem do canal SIC, que deu origem ao trabalho “O Teatro e as Serras”, apresentado naquele canal no dia 04 de Dezembro de 2011, que ganhou o Prémio Escritaria na área de televisão no âmbito do Festival Escritaria de Penafiel (2012), e o *Prémio “Noticiar o Envelhecimento e as relações entre as gerações”* (Prémio Jornalistas/Audiovisual) do **Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações (2012)**.

Cinco anos depois, em Dezembro de 2016 e integrando o plano das Comemorações dos Trinta anos de actividade, a Filandorra revisitou este espectáculo, um dos mais emblemáticos do seu reportório, numa re-estreia em Ponte de Sor, concelho de onde é natural o autor, no âmbito 10ª edição do “Prémio Literário José Luís Peixoto” promovido por aquele Município.

Com esta re-estreia a Filandorra dá início ao projecto PIIAH – Périplo pelo Interior dos Interiores da Alma Humana, apadrinhado por José Luís Peixoto, que aceitou o convite para acompanhar o espectáculo em dois momentos distintos: o “regresso” do espectáculo a Alfândega da Fé a 5 de Março de 2017, e a sua representação na UTAD - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro para toda a comunidade académica com incidência para alunos e professores dos cursos de Acção Social, Animação Cultural e Teatro – Artes Performativas (em data a apontar).

SINOPSE: Numa aldeia envelhecida e desertificada do interior do país, cinco personagens, três mulheres e dois homens, dão corpo aos seus próprios desejos e receios, numa "viagem" pelo tempo das estações: as Primaveras e os segredos, os enganar e o Verão, os beijos nunca dados e o Outono onde se retarda o último frio.

FICHA TÉCNICA:

À Manhã, de José Luís Peixoto

Encenação e Espaço Cénico: David Carvalho

Com:

Ti Estragão (Trinta Cabelos)	Silvano Magalhães
Ti Olga Despedida	Anita Pizarro
Ti Macha do Artilheiro	Helena Vital
Ti Irininha	Débora Ribeiro
Ti Vlademiro Costelas Bambas	Bruno Teixeira

Todos têm mais de setenta anos

Assistente de Encenação	Bibiana Mota
Produção Musical	Márcio Morais
Luz	Pedro Carlos
Som	Gonçalo Fernandes
Fotografia (cartaz)	Débora Ribeiro
Figurinos	Pesquisa colectiva
Secretariado/Produção	Cristina Carvalho
Comunicação/R. Públicas	Silvina Lopes
Assistência Geral	António Nascimento

IMPRENSA:

SIC > pt-br.facebook.com/video/video.php?v=10150384086676920

RTP> <http://programas.rtp.pt/noticias/?t=Teatro-Filandorra-nas-aldeias-de-Alfandega-da-Fe.rtp&headline=20&visual=9&article=489926&tm=4>

LOCAL VISÃO> <http://videos.sapo.pt/tHLZht34SZpWLzFZCfU1>

Porto Canal> <http://youtu.be/kLE1I00u6t8>

À Manhã ... O teatro dos instantes perdidos

À *manhã*, escrita em 2005 e publicada em 2007 no livro intitulado *Cal* – uma coletânea de crônicas, poemas e teatro(...).

O drama intitulado À *manhã* tem como espaço uma aldeia com características do sul de Portugal, onde vivem personagens que caracterizam a região através do uso de vocabulário próprio do património linguístico português. Assim, em algum ponto da região do Alentejo, cinco personagens, sendo elas três mulheres e dois homens, atravessam a sequência das quatro estações do ano, a começar pelo inverno, e sofrem a desertificação da existência e a ausência da pressa. O tempo das estações transforma-se, neste drama, no tempo da vida, que transcorre rumo à reinvenção da esperança e também do riso (...).

As personagens e suas aparentes não-ações – ao contrário da acção dramática explícita encontrada nos textos teatrais à moda aristotelica – são o ponto de partida de José Luís Peixoto. Nessa composição dramática, as cinco personagens personificam um encontro possível entre dois autores distintos: Beckett e Tchekhov. As personagens masculinas chamam-se Vladimiro e Estragão, numa alusão ao drama *Esperando Godot*, e as femininas têm os nomes das principais personagens de *As Três Irmãs*: Olga, Irina e Masha. Os nomes transformam-se, assim, no sentido paródico proposto pelo autor, em: Ti Estragão Trinta Cabelos, Ti Olga Despedida, Ti Macha do Artilheiro, Ti Irininha e Ti Vladimiro Costelas Bambas. Todos os cinco com mais de setenta anos, vivendo, em tempos particulares, as lembranças do passado(...).

As personagens vivem num lugar sem definição no mapa, numa alusão às infinitas possibilidades e desdobramentos espaciais. A aldeia representa muitas outras aldeias e o futuro projectado, representa muitos outros futuros (...).

Na construção dramática, o tempo é um dos elementos mais expressivos da narrativa: lento, pesado, ritmado. As vozes, falas e diálogos acompanham essa cadência, inclusive a cadência proposta pelo uso do próprio silêncio. Mas, ao contrário do que uma visão beckettiana da existência poderia instigar, o ritmo daquele lugar dá espaço para que seus habitantes tenham tempo(...).

Naquela terra, onde não chove e as árvores estão despidas, parece que nada acontece. Mas a memória permanece na força do uso de expressões regionais e palavras como: abalar, ameigar, arribar, assomar, desensofrido, parança, prantar. E a acção, por sua vez, centra-se no regresso ao sentimento, à capacidade de relação de uns com os outros, e no rompante de consciência e optimismo expresso pelas palavras finais de Olga: “Agora, podemos descansar, temos a vida toda à nossa frente” ou como afirma Macha: “Esses foram belos tempos, mas agora também são uns belos tempos, não acha? (pausa) É assim a vida. Tudo vai mudando. Até as vontades”.

Luciana Éboli

***Portfolio da Residência Artística
Outubro/Novembro'2011***



Portfolio do espectáculo



Portfólio da Residência Artística
Outubro/Novembro 2011



Historial

A Filandorra - Teatro do Nordeste, é uma Cooperativa de Produção, Formação e Animação Teatral apoiada pelas Autarquias Locais, que desenvolve na região de Trás-os-Montes e Alto Douro um projeto inovador de Descentralização Teatral.

Sucedendo ao TET - Teatro de Ensaio Transmontano, extinto em 1984, a Filandorra nasceu em 1986 integrando o então Centro Cultural Regional de Vila Real, vindo a autonomizar-se desta instituição a partir de Janeiro de 1992. Na sua figura de "Âmbito Regional" a Cooperativa desenvolve a sua actividade a partir da Autarquia / Sede - Vila Real - alargando o seu espaço de intervenção a mais duas redes de Autarquias:

1) As de "Curta Permanência - Comunidades de Acolhimento e Residências Artísticas" (CARAS), onde são desenvolvidas actividades de Produção, Formação e Animação, articuladas com redes do Ensino Básico, Secundário e Universitário, Juntas de Freguesia e Associações Culturais locais.

2) As de "Itinerância Organizada", onde são postas em prática actividades de divulgação Teatral, através da realização de 2 ou 5 espectáculos do repertório anual da Companhia.

A sua atividade assenta na divulgação de Autores Dramáticos Nacionais e Clássicos Universais e ainda na divulgação de textos para a Infância e Juventude, afirmando-se como Companhia de "repertório" apostada no desenvolvimento e criação de novos públicos. O seu papel preponderante na divulgação cultural foi já reconhecido pelo Município de Vila Real (Autarquia Sede da Companhia), que lhe atribuiu a Medalha de Mérito Municipal (Medalha de Prata). A Companhia já montou 67 produções que têm percorrido a região, marcando também presença em certames e Festivais nacionais e internacionais.



"Já dizem os antigos que há duas maneiras de procurar: uma é andar às voltas à procura daquilo que se perdeu, outra é ficar num sítio à espera que aquilo que se perdeu nos encontre." (Ti Irininha)



Sobre o autor...

José Luis Peixoto nasceu a 4 de Setembro de 1974 em Galveias, Ponte de Sor. É licenciado em Línguas e Literaturas

Modernas (Inglês e Alemão) pela Universidade Nova de Lisboa. A sua obra ficcional e poética figura em dezenas de antologias traduzidas num vasto número de idiomas e estudada em diversas universidades nacionais e estrangeiras. Em 2001, recebeu o Prémio Literário José Saramago com o romance *Nenhum Olhar*, que foi incluído na lista do Financial Times dos melhores livros publicados em Inglaterra no ano de 2007, tendo também sido incluído no programa *Discover Great New Writers* das livrarias norte-americanas Barnes & Noble. Foi atribuído ao seu livro *A Criança em Ruínas* o Prémio da Sociedade Portuguesa de Autores para o melhor livro de poesia. O seu romance *Cemitério de Planos* recebeu o *Prémio Cálamo Outra Mirada*, destinado ao melhor romance estrangeiro publicado em Espanha em 2007, tendo sido finalista do prémio Portugal Telecom (Brasil) e do International Impac Dublin Literary Award (Irlanda). Em 2008, recebeu o Prémio de Poesia Daniel Faria com o livro *Gaveta de Papéis*. Em 2010, o seu romance *Livro venceu* o prémio Libro d'Europa, em Itália, e foi finalista do prémio Femina, em França. Em 2012, publicou *Dentro do Segredo, Uma Viagem na Coreia do Norte*, a sua primeira incursão na literatura de viagens. Os seus romances estão traduzidos em vinte idiomas.

(Biografia) <http://www.joseluispeixoto.net/>

Filandorra - Teatro do Nordeste

apresenta

À MANHÃ

José Luis Peixoto

Encenação e Espaço Cénico
David Carvalho

Ti Estragão Trinta Cabelos	Silvano Magalhães
Ti Olga Despedida	Anita Pizarro
Ti Macha do Artilheiro	Helena Vital
Ti Irininha	Sofia Duarte
Ti Vlademiro Costelas Bambas	Bruno Teixeira

Todos têm mais de setenta anos

Assistente de Encenação	Bibiana Mota
Produção Musical	Márcio Moraes
Luz	Pedro Carlos
Som	Gonçalo Fernandes
Fotografia (cartaz)	Débora Ribeiro
Figurinos	Pesquisa colectiva
Secretariado/Produção	Cristina Carvalho
Comunicação/R. Públicas	Silvina Lopes
Assistência Geral	António Nascimento

56ª produção estreada em 26/11/2011
Galeria da Casa da Cultura Mestre José Rodrigues
Projeto desenvolvido em Residência Artística
no Município de Alfândega da Fé

Revisitada cinco anos depois no âmbito das
Comemorações dos trinta anos de actividade da Filandorra
Galveias, Foros de Arrão e Ponte de Sor
03 e 04 de Dezembro de 2016

À manhã, escrita em 2005 e publicada em 2007 no livro intitulado *Cd* – uma coletânea de crónicas, poemas e teatro (...). O drama intitulado *À manhã* tem como espaço uma aldeia com características do sul de Portugal, onde vivem personagens que caracterizam a região através do uso de vocabulário próprio do património linguístico português. Assim, em algum ponto da região do Alentejo, cinco personagens, sendo elas três mulheres e dois homens, atravessam a sequência das quatro estações do ano, a começar pelo inverno, e sofrem a desertificação da existência e a ausência da pressa. O tempo das estações transforma-se, neste drama, no tempo da vida, que transcorre rumo à reinvenção da esperança e também do riso (...).

As personagens e suas aparentes não-ações – ao contrário da acção dramática explícita encontrada nos textos teatrais à moda aristotélica – são o ponto de partida de José Luis Peixoto. Nessa composição dramática, as cinco personagens personificam um encontro possível entre dois autores distintos: Beckett e Tchekhov. As personagens masculinas chamam-se Vladimiro e Estragão, numa alusão ao drama *Esperando Godot*, e as femininas têm os nomes das principais personagens de *As Três Irmãs*: Olga, Irina e Masha. Os nomes transformam-se, assim, no sentido paródico proposto pelo autor, em: Ti Estragão Trinta Cabelos, Ti Olga Despedida, Ti Macha do Artilheiro, Ti Irininha e Ti Vladimiro Costelas Bambas. Todos os cinco com mais de setenta anos, vivendo, em tempos particulares, as lembranças do passado (...).

As personagens vivem num lugar sem definição no mapa, numa alusão às infinitas possibilidades e desdobramentos espaciais. A aldeia representa muitas outras aldeias e o futuro projectado, representa muitos outros futuros (...).

Na construção dramática, o tempo é um dos elementos mais expressivos da narrativa: lento, pesado, ritmado. As vozes, falas e diálogos acompanham essa cadência, inclusive a cadência proposta pelo uso do próprio silêncio. Mas, ao contrário do que uma visão beckettiana da existência poderia instigar, o ritmo daquele lugar dá espaço para que seus habitantes tenham tempo (...).

Naquela terra, onde não chove e as árvores estão despidas, parece que nada acontece. Mas a memória permanece na força do uso de expressões regionais e palavras como: abalar, ameaçar, arribar, assomar, desenostrado, parança, prantar.

Luciana Éboli *

*Investigadora em Teatro e Dramaturgia